



# PARODIA

FUNDADOR  
**RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**

Publica-se ás sextas-feiras  
 Toda a correspondência deve ser dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
**PREÇO AVULSO 40 RÉIS**  
 Um mez depois do publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assignaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 52 num. 20000 rs.	Brasil, anno 52 numeros..... 50000 rs.
Semestre, 26 numeros..... 10000 »	Africa e India Portuguesa, anno. 20000 »
Cobrança pelo correio..... 5100 »	Estrangeiro, anno 52 numeros... 30000 »

NOTA: — As assignaturas por anno e por semestre accitam-se em qualquer data; tem porém de começar sempre no 1.º de janeiro ou no 1.º de julho

EDITOR — **CARDIDO OLIVEIRA**

COMPOSIÇÃO  
**Anuario Commercial**  
 5, Calçada da Gloria, 5

IMPRESSÃO  
**A EDITORA**  
 L. Conde Barão, 50

## Ordem do dia

### S. B.

*A mulher de theatro mais theatral de toda a Europa.*

*Alma theatral.*

*Corpo theatral.*

*Existencia theatral.*

*Nunca viveu : representou sempre.*

*Conta ella, nas suas «Memorias», que, em pequena, se queimou á beira de um fogão.*

*Este foi o seu primeiro drama.*

*Ha de morrer, posto a immortalidade lhe esteja garantida, mas —, ia-mos juralo, — morta, rigida, fria, levantar-se ha ainda, e, n'um ultimo, grande gesto, despedir-se ha, não da vida, mas pela ultima vez — do Publico.*

*E será este o seu ultimo drama.*



A. D'ABREU  ANTIGA CASA  
Viuva Soares & Filho

JOALHERIA E OUVRESARIA   
SEMPRE NOVIDADES

57, e 59, Rua do Ouro, 57 e 59 \* LISBOA

## Pasta brilhante **AMOR**

Para limpar toda a qualidade de metaes

**Briquetes marca ESPADA**

Para limpeza de vidros e espelhos

Garantê-se o resultado tanto da pasta como dos briquetes. Depositarios em Portugal: J. B. Fernandes & C.º Lisboa — Largo de S. Julião, 15 a 18. À venda em todas as mercearias, drograrias e lojas de ferragens. — Grandes descontos aos revendedores.

**CONTRA A TOSSE**

**Xarope Peitoral James**, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da Republica dos Estados Unidos do Brazil. Foi premiado com as medalhas de ouro, nas exposições industrial de Lisboa, e universal de Paris.

Acha-se a venda em todas as principaes pharmacias

DEPOSITO GERAL  
**PHARMACIA FRANCO, FILHOS**  
Conde do Restello, & C.º  
LISBOA

BELEM

**VINHO NUTRITIVO D CARNE**

Muito util na convalescença de todas as doencas, quando se precisa levantar, as fo ças. É hoje muito usado ao **Lunch** e ao **Toast**, especialmente por todas as pessoas de constituição fraca, e que têm a peito a conservação da sua vida. Foi premiado com as medalhas de ouro nas exposições industrial de Lisboa, de hygiene de Londres e universal de Paris. Um calix d'este vinho representa um bom bife.

DEPOSITO GERAL  
**PHARMACIA FRANCO, FILHOS**  
Conde do Restello & C.º  
LISBOA

BELEM

**BOLSA OFFICIAL DE LISBOA**

CORRETOR

**VIRGILIO DA COSTA**

Escriptorio

**RUA D'EL-REI, 112, 114**

## Empreza Exploradora das Patentes "BOOTH," L. da

(LIMPEZA POR ASPIRAÇÃO)

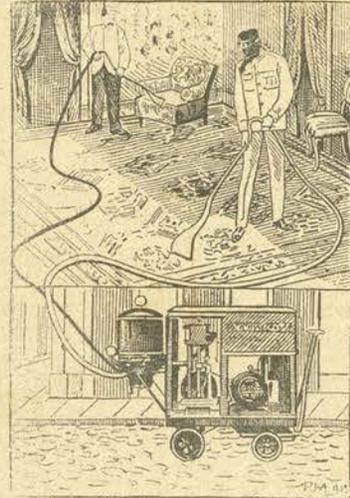
**PALACIO DA FLOR DA MURTA**

152-A, 1.º, R. do Poço dos Negros, 152-A, 1.º

LISBOA

TELEPHONE N.º 646

Limpeza por aspiração



Limpeza por aspiração

Esta empreza encarrega-se da limpeza de tapetes, alcatifas, estofos, cortinas, repositores, carruagens, etc., etc., tanto na sua sede, para o que tem installações apropriadas, como nos domicilios.

A limpeza por aspiração apresenta inumeras e importantes vantagens:

Evita o levantamento das tapessarias e a sua remoção para locais improprios, deixando-as ficar completamente limpas e as cores mais vivas. Substitue vantajosamente o antigo systema de bater os tapetes com chibatás, que apenas levanta a poeira, para novamente a deixar cahir sobre o tecido que se pretende limpar.

Evita a pernicioso dispersão dos microbios, poeiras, e outros corpos de aspiração absorvem por completo todo o pó sem o espalhar pela atmosphera.

Esta limpeza pode-se effectuar sem haver necessidade de tirar os moveis das respectivas salas.

A limpeza por aspiração é rapida, hygienica e economica

## COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

### AVISO AO PUBLICO

FESTA A NOSSA SENHORA DA SAUDE EM REVELLES

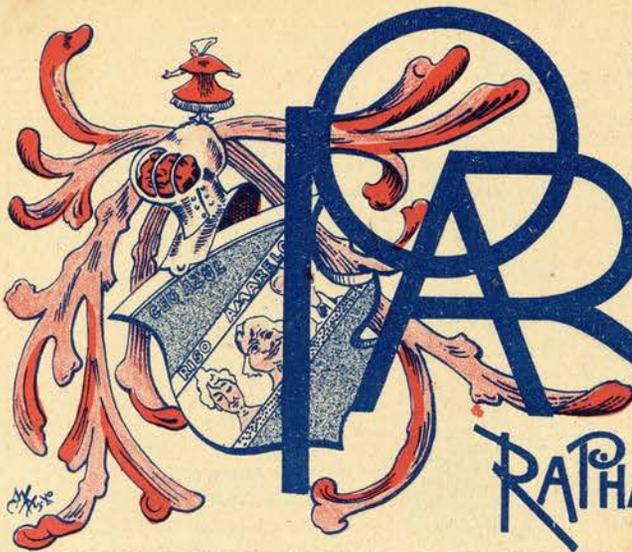
(Domingo 6 de Agosto de 1905)

No domingo 6 de Agosto, os comboios tramways entre Figueira da Foz e Coimbra, e o mixto n.º 235 que sahe de Alfarellos para a Figueira ás 5-10 da tarde terão paragem de 1 minuto ao kilometro 210,050; junto a Revelles, a fim de tomarem e deixarem passageiros.

Os preços applicaveis são os de ou para Revelles, conforme a tarifa em vigor.

Lisboa, 24 de Julho de 1905.

O Director Geral da Companhia,  
A. Leproux.



N.º 132 — LISBOA, 11 DE AGOSTO

5.  
ANO  
95

# PARODIA

FUNDADOR  
RAPHAELO BORDALLO PINHEIRO

Publica-se às sextas-feiras  
Toda a correspondência deve sêr  
dirigida ao administrador da  
**PARODIA**  
PREÇO AVULSO 40 RÉIS  
Um mez depois de publicado 80 réis

Redacção e administração — Rua dos Mouros, 37, 1.º

**Assinaturas (pagamento adiantado)**

Lisboa e provincias, anno 32 num. 23000 rs. || Brazil, anno 32 numeros. . . . . 53000 rs.  
Semestre, 26 numeros. . . . . 13000 rs. || Africa e India Portuguesa, anno 23000 rs.  
Cobrança pelo correio. . . . . 3100 rs. || Estrangeiro, anno, 32 numeros. . 33600 rs.

NOTA: — As assinaturas por anno e por semestre acceptam-se em qualquer data;  
tem porém de começar sempre no 1.º de Janeiro ou no 1.º de Julho

EDITOR — CÂNDIDO CHAVES

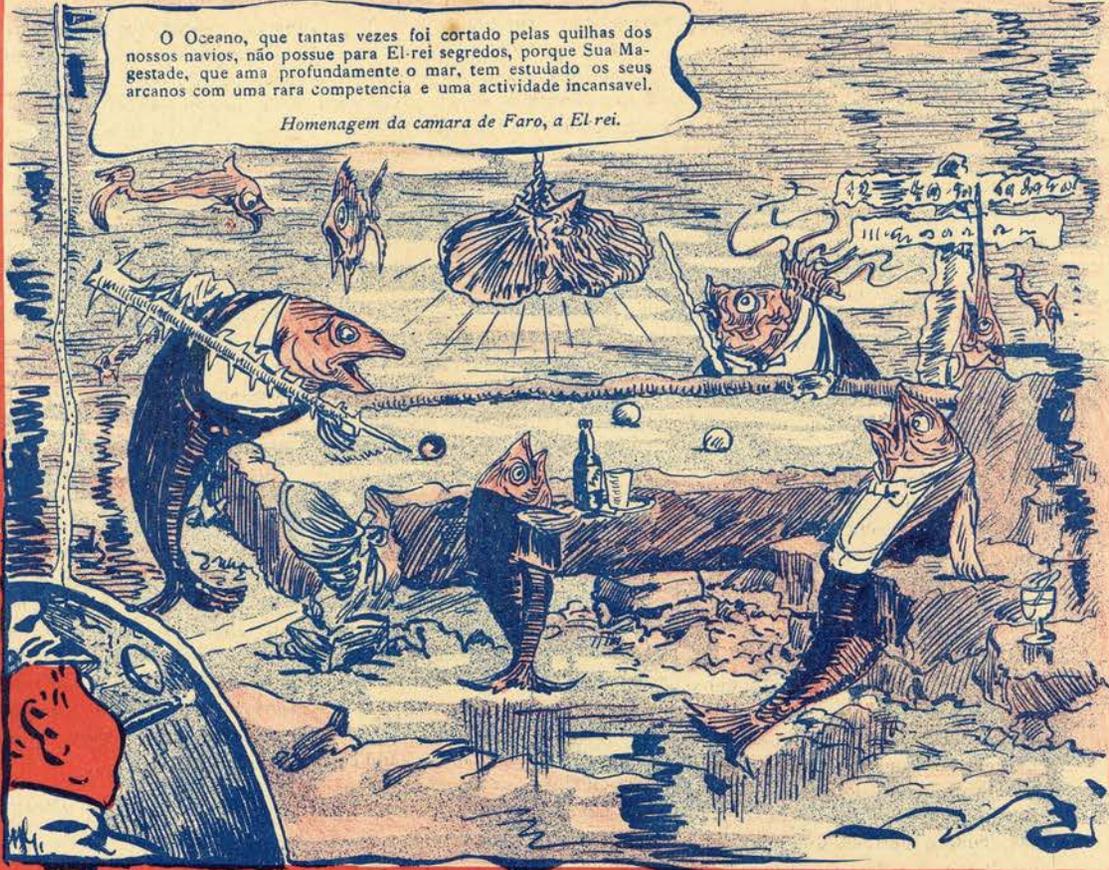
COMPOSIÇÃO  
Minerva Peninsular  
83, Rua do Norte 82

IMPRESSÃO  
"A EDITORA"  
L. Conde Barão

## OCEANOGRAPHIA

O Oceano, que tantas vezes foi cortado pelas quilhas dos  
nossos navios, não possui para El-rei segredos, porque Sua Ma-  
gestade, que ama profundamente o mar, tem estudado os seus  
arcanos com uma rara competencia e uma actividade incansavel.

Homenagem da camara de Faro, a El-rei.



No fundo do mar, na bahia de Lagos

## O "D. Quichote,, em Lisboa, ou alguns reparos á estatística.

Annunciando uma nova edição do *D. Quichote*, feita por uma casa editora d'esta cidade, diz um jornal: «Se ha obra que não precise de reclame é esta.»

Se porventura está demonstrado que a reclame serve para alguma coisa em materia litteraria, nós affirmamos, ao contrario, que o *D. Quichote* precisa de reclame.



A pequena porção de portuguezes que leem, leem muito pouco, porque para ler, não basta saber ler. E' preciso ter curiosidades de intelligencia e essas, entre nós, só accommettem um reduzidissimo numero de individuos, no crasso nucleo da população.

Em Portugal, ha um equivooco.

Esse equivooco é a—estatística.

A estatística não é consoladora. A estatística é mesmo lastimosa. Ella diz-nos, com effeito, que o nosso paiz é, em materia de instrucção, o ultimo da Europa. Se não estamos em erro, a mesma Turquia acusa sobre nós um pequeno progresso e a Turquia é, no entanto, um dos Estados mais improgressivos do continente. N'uma palavra, ninguem ignora que os nossos analfabetos representam uma percentagem de 80 por cento.

Onde está o equivooco?

Nos 20 por cento de individuos que supponmos letrados.

Esses individuos sabem ler e escrever?

Duvidosamente.

E' preciso não esquecer que a estatística é feita pelo publico e que o publico é o collaborador mesmo escrupuloso do Estado. A unica coisa que elle faz com escrupulo é—pagar as contribuições, porque a isso o Estado o coage sob penas ameaçadas. Tudo o mais, em que é chamado a collaborar, o faz com frouxidão e desmazello.

Interrogado por exemplo, sobre a cultura dos individuos que compoem o seu domicilio, o cidadão declara-os a todos — cultos. Adiante do nome de uma espessa creada que mal soletra, inscreve a palavra — *sabe*.

São frequentes estes dialogos domesticos, quando o Estado faz a estatística:



—Vossês sabem escrever? pergunta o amo.

O creado, o moço, o escudeiro, interrogados, hesitam, coçam a cabeça, sorriem á pergunta e reconhecem vexados que sabem — «alguma coisa.»

Nos 20 por cento que a estatística assignala como letrados, ha a descontar os que sabem ler e escrever «alguma coisa», porque, na realidade, não sabem — «nada.»

Restam — os outros.

Os outros sabem ler e escrever, «correctamente» como o reclamam as grammaticas. Mas, a que se reduz a sua educação?—A esta exigua habilitação litteraria. N'esta minoria, ha uma *maioria* de individuos, cuja vida intellectual não foi despertada por outros estímulos senão os do — alfabeto. O seu maximo de curiosidade intelligente é—o jornal e, no jornal, não a idéa mas o facto. E' para essa maioria tacanha que os nossos grandes jornaes são feitos, com a sua ausencia de universalidade, de cosmopolitismo, de discussão séria, de emoção delicada e com a sua abundancia exaggerada de pequenos factos.

Esses jornaes são grandes precisamente por se adaptarem ás necessidades intellectuaes dos seus leitores, que são a maioria da parte culta, ou suppostamente culta da população. Se qualquer d'elles, o *Diario de Noticias*, ou o *Seculo*, se lembrasse de modificar a sua feição, perderia immediatamente o seu publico.

Essa maioria,—dissemos nós—lê o jornal; mas não lê mais nada. Não tem curiosidade para mais. Desde que soube pelo jornal o que se passou não no universo, mas simples-

mente na sua rua, ou no seu bairro, as suas curiosidades ficaram saciadas.



Quaes são as classes que constituem esta maioria?

As classes populares?

Outro equivooco.

Esta maioria são as classes populares e é quasi toda a burguezia, mais bem jantada do que ellas, mas não mais instruida. E' o commercio, é a industria, é a agricultura — na sua immensa maioria.

Diriamos que os homens politicos constituem uma *élite*.

Nem esses!

Os nossos homens politicos, na sua immensa maioria, não são espicaçados por curiosidades intellectuaes que os levem a procurar gosos de espirito fóra dos jornaes dos seus partidos. Estes lhes bastam. O nosso profissional politico, em geral, é ignorante. Muitos são broncos. Litterariamente é nullo.

Que actividades intellectuaes nos restam, pois — curiosas, espertas, ávidas de saber, voluptuosas de gosos espirituas, tendo interesses de sciencia e interesses de litteratura e arte e lendo tudo, jornaes, revistas, livros?

Restam-n'os pouquissimas.

O que fica, feito o *triage* que esboçamos, é calamitoso.

Por isso nós affirmamos que, mesmo o *D. Quichote*, precisa de reclame, como os *Filhos de Ignez de Castro*, ou como o *Filho das Hervas*, do sr. Malheiro Dias. Para que essa obra immortal recrute alguns leitores mais, além dos que ella já tem em Portugal, será talvez preciso que a empreza editora faça o que estão fazendo os Armazens do Chiado, isto é, que além do *D. Quichote*, offereça—um chalet.

JOÃO RIMANSO.

PSYCHOLOGIA DO COLLARINHO

O *British Medical Journal* discute a questão de saber-se se os collarinhos altos são nocivos á saúde.

Se são nocivos não o sabemos. Que são o mais possível incommodos é facil averigual-o. Os collarinhos altos são verdadeiros instrumentos de tortura.

No entanto, o collarinho alto está em plena voga.

Porquê?

Porque o collarinho alto é um decreto da moda.

Os francezes usam o collarinho baixo. Ficou celebre o collarinho de Casimiro Périer.



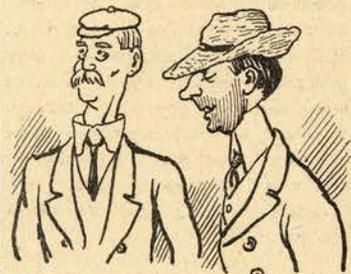
Diz se porem que os francezes não sabem vestir.

Em Portugal só arvoram o collarinho baixo o sr. conde de Valenças,



que o usa decotado até ás profundidades do umbigo, e alguns casos congestivos. O resto dos portuguezes uza o collarinho alto. Em rigor mesmo, Portugal é uma civilização de colleira.

Os inglezes tambem usam o collarinho alto, mas não comprimem o pescoço. Nós comprimimos o pescoço, o que dá a alguns dos nossos



elegantes o aspecto esganado de individuos que tivessem engulido uma espinha.

A violencia é geral, mas o costume é indebellavel.

Comtudo, nem todos usam o mesmo typo de collarinho. Segundo o caracter, o temperamento, os habitos, as profissões, os collarinhos são mais ou menos altos, mais ou menos apertados, direitos, ou dobrados nas pontas, fechados, ou abertos.



O collarinho define, como tantas outras coisas.

Em Lisboa conhece-se um homem pelo collarinho que usa.

O collarinho alto e fechado quer dizer — elegancia superfina, gosto, boas maneiras, cosmopolitismo, habito de viagens, espirito.



O collarinho espaçoso e aberto não deixa duvidas: egoismo, espirito de commodidade, bem-estar, rendimento, fortuna.



O collarinho exaggeradamente alto



significa — espalharatô, amor pelo espectáculo e pelo ruido, indole theatrical e pretenciosa, falso mundanismo, falso gosto.

Os collarinhos muito baixos denunciam bonhomia, philosophia, bondade, resignação.



Os collarinhos que nunca apertam, que saltam do botão e constantemente enfiam pelo olho do individuo que os traz, é o stygma dos estudiosos.



O collarinho de pontas quebradas é proprio dos timoratos. Em geral assenta em naturezas sufficientes e medianas. E' o collarinho das pessoas que tem medo de que lhes fuja a gravata.



O collarinho de ida e volta é a mocidade, ou são — os seus habitos. Para o usar é preciso ter vinte annos de idade, ou vinte annos — de tarimba.



vingt ans

# NA BAHIA DE LAGOS



— Oh! Algarvio! que diabo é aquilo?  
— Desconfio que é o ministro da marinha que vai para bordo...

## Etc., etc., etc...

Depois de ter recebido os estudantes novatos — á móçada, a Universidade de Coimbra decidiu recebê-los em triumpho.

Entre outras festas prepara-se já uma sessão litteraria.

Decididamente, nós não temos o sentimento das proporções.



Um jornal da tarde revela que um dos professores que actualmente examina no Lyceu fez a um dos seus examinandos as seguintes perguntas: Quaes são as duas divindades que figuram na Eneida?

Qual é a mais bonita?

Qual a mais varonil?

Qual a mais sentimental?

Os exames, afinal, não são tão feios como os pintam.

Se é sempre assim que as coisas se passam, não são exames: são jogos de prendas.



O sr. Beirão vae partir, para onde — santo Deus?!

Para a Escossia.

O sr. Beirão, positivamente, sobra na politica portugueza.

Não cabe dentro do partido progressista.

E' já do universo.

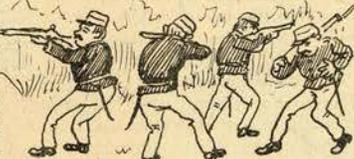
Não é um homem instavel: é um astro vagabundo.



Para dar caça e morte ao leopardo do Jardim Zoologico foram precisos 180 homens, sendo 60 empre-



gados e operarios do Jardim, 40 soldados de infantaria da Guarda Mu-



nicipal, 80 soldados de cavallaria,



45 policias, 4 cabos de policia e 2 chefes.



Por isso, o soldado ferido pedia já, ao ser transportado para o hospital, uma pensão de sangue.

O pobre homem tinha razão. — Foi ferido em campanha.



Acaba de fallir em França um homem, o sr. Jaluzot, cujo ordenado como gerente dos Grandes Armazens do Printemps era de um milhão e meio de francos annuaes.

Pobres de nós! — E' o que nós damos ao rei.



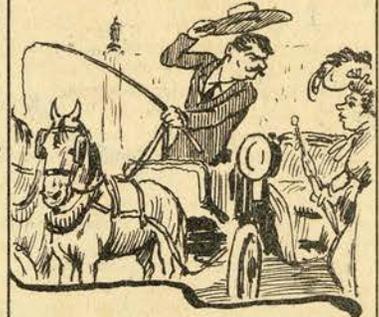
Uma senhora dirige se em carta ao *Diario de Noticias* queixando-se das exorbitantes exigencias dos cocheiros de praça e alvitrando que o

serviço de trens de aluguer se faça, como na França e na Allemanha, — pelo taxametro.

«Quanto mais agradável não será para o publico, exclama ella, entrar n'um trem, dizer ao cocheiro onde se deve ser conduzido e, chegado ao termo da corrida, olhar para o mostrador do taxametro e vêr o que se deve pagar!»

Mas já se olha, ex.<sup>ma</sup> senhora! E pelo mostrador se vê logo o que se deve pagar.

Simplemte, o mostrador é a cara do cocheiro.



## MEDICINA E FISCO

A proposito das falsificações:

Deve a fiscalisação dos generos alimenticios ser feita por um agente fiscal, ou por um subdelegado de saude?

A missão do medico, — dizem uns — não é compativel com a missão do agente fiscal. Outros, porem, invocam em favor do medico a incapacidade scientifica do agente do fisco.

Em presenca das nossas insistentes falsificações diriamos que a fiscalisação dos generos alimenticios deveria ser feita por peritos, mais habilitados do que o medico e o agente fiscal a reconhecerem as differentes fraudes de que é victima o consummidor.

Assim, por exemplo, para a fiscalisação do pão estavam naturalmente indicados os carpinteiros, marceneiros e, em geral, os proprietarios de estancias de madeiras.

Para o leite, os pedreiros, brochantes, caiadores, mestres d'obras e constructores civis.

Para o vinho, o vinagre, o azeite — os pharmaceuticos e drogistas.

Para a salchicharia em geral — a Sociedade de Bellas Artes.



## AS RUAS

Um jornal reclama que se ponha em pratica a proposta em tempos apresentada ao municipio por um dos actuaes vereadores, para que as ruas da capital sejam designadas por numeros.

Não sabemos a que pensamento tenha obedecido a proposta em questão, mas quer nos parecer que o que ella teve em vista foi acabar com as emulações a que as novas ruas estavam dando origem.

Como se sabe, tendo-se a cidade alargado consideravelmente, foi necessario dar nomes ás novas ruas.

A principio o municipio soccorreu-se do periodo heroico da historia nacional; mas os principaes heroes nacionaes tinham já as suas ruas e praças — Camões, Albuquerque, o Gama e tantos outros.

O stock dos heroes disponiveis prompto se exgotou.

O municipio soccorreu-se então da historia contemporanea, condecorando, está claro, os heroes liberaes.

O Cartismo foi, por exemplo, para o bairro Barata Salgueiro, o Setembrismo para o bairro Estephania, onde, entre outras, se deu uma rua a Passos Manuel.

Ao mesmo tempo, como sobrassem ruas, aqui e ali favoreceu-se a litteratura official: deu-se uma rua a Alexandre Herculano, outra a Castilho.

Mas a cidade continuava alastrand. Iam-se abrindo novos bairros, iam-se abrindo novas ruas, e então o municipio encontrou-se n'esta collisão: sobravam-lhe ruas e faltavam-lhe nomes.

Ainda respigou nas collecções do *Diario das Camaras* alguns appellidos illustres que começavam a envelhecer; mas, a breve trecho, encontrou-se no maior apuro: tinha exgotado a historia antiga e a historia contemporanea.

Todo o Portugal digno de ter uma rua, estava na rua. E as ruas continuavam sobrando.

Então, o que se fez?

Fez-se isto: exgotada a historia, o municipio lançou mão do Alma-

nach Palhares, e não havendo já um só morto que não tivesse a sua rua, começou-se a dar ruas aos vivos — ao governo, á opposição, aos regeneradores, aos progressistas, á camara alta, á baixa; por fim, em ultimo recurso, ao proprio pessoal do municipio, e foi então que se viu este contemporaneo viçoso, o sr. Ressano Garcia — ter uma rua.

Mas assim como a principio sobravam ruas, agora sobravam nomes. As ruas não chegavam para toda a gente que se suppunha com direito a esta consagração. Estabeleceram-se rivalidades.

Foi então certamente que, para pôr termo a esta situação embaraçosa, se apresentou a proposta de numerar as ruas.

Nós applaudimos a proposta.

As ruas ficam assim anonymas, mas um honrado anonymato é, a nosso vêr, preferivel a uma descabida celebridade.

**RUA N.N.**

## O LEOPARDO



**Um caso de que os jornaes não fallaram**

# O JOGO NO ESTORIL

INTERMITTENCIAS



**LISBOA** —Então? Já se joga?

**O ESTORIL** —(escamadíssimo) Eu sei lá! Estamos á espera da resposta do Governo.



